

Observatório do Emprego



NEWSLETTER #23 Outubro 2021

ISSN 2184-7894

Competências digitais e os impactos no setor económico

É notório que a restrições derivadas do COVID-19 impulsionaram a transição digital devido ao uso de ferramentas voltadas para garantir a manutenção de serviços essenciais. Entretanto, no momento em que a sociedade precisou se adaptar a uma nova realidade, seja com o trabalho remoto ou o ensino a distância ao e-commerce, a lacuna de competências digitais foi amplificada.

Estas competências vão para além da literacia digital, ou seja, da simples capacidade de gerir medias digitais ou gadgets, trata da capacidade de usar as habilidades digitais para prosperar na economia digital, como a capacidade de codificar ou usar a nuvem para coletar e analisar dados de maneira eficaz e gerenciar relacionamentos com os clientes. Assim, o que apontam o para alto risco de impacto da não solução da lacuna de competências digitais no setor económico. Nesse sentido, o relatório de 2018 da Accenture mostra perdas de até 9.8 bilião € em crescimento cumulativo do PIB nos próximos 10 anos para os países do G20 caso o desenvolvimento das competências não acompanhe a taxa de progresso tecnológico. Assim, desde 2017, a Força-tarefa da Economia Digital do G20 (DETF, em inglês) tem trabalhado de forma a viabilizar a transformação digital para aumentar o crescimento económico e social. Além de tratar de um ponto chave da exclusão digital: melhorar o treinamento digital e eliminar a lacuna de habilidades que está a inviabilizar o crescimento de diversos segmentos da economia global. Mas, o grande desafio está em desenvolver sistemas que possibilitem que os jovens também possam prosperar nas economias digitais.

Entretanto, é preciso considerar que apesar da familiaridade dos jovens com as tecnologias que os caracteriza como nativos digitais, não significa necessariamente que saibam compreender, distinguir e usar de modo eficiente o conhecimento disponível na internet.

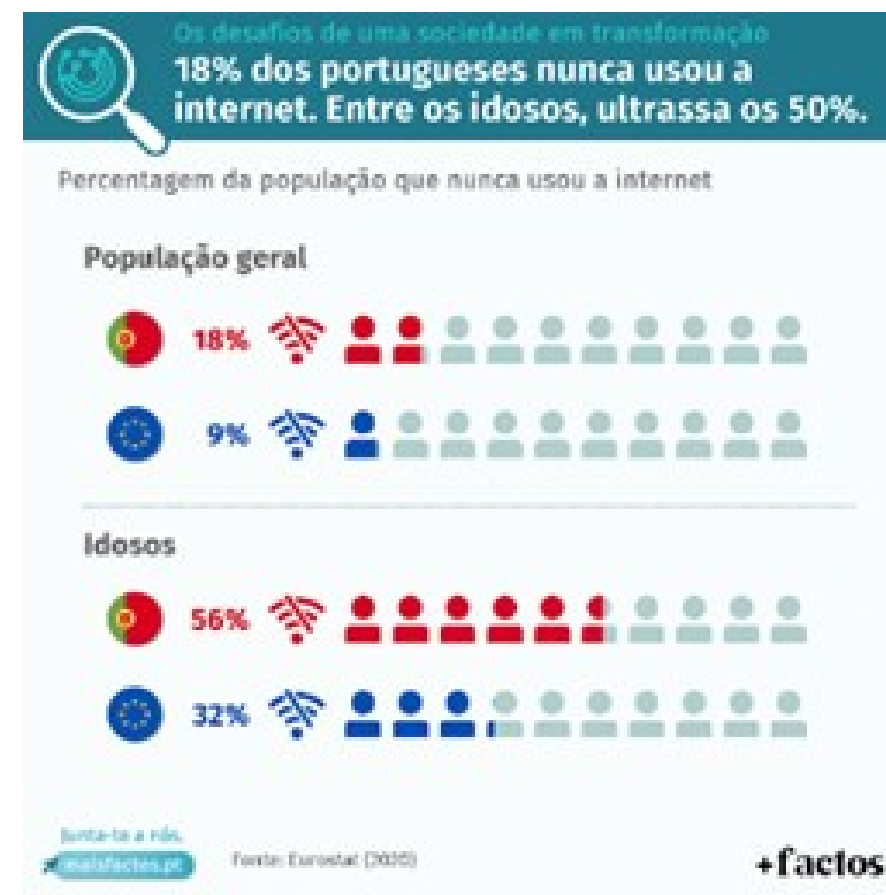
É o que aponta o Relatório Leitores do Século 21 - Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital (2021) da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Este relatório traduz os resultados do exame Pisa, exame internacional aplicado pela OCDE em 2018 em estudantes de 79 países ou territórios, sobre as habilidades de interpretação de texto dos estudantes de 15 anos. E mostra que grande parte dos jovens não possuem habilidades para compreender ambiguidades ou nuances em textos online, localizar documentos online confiáveis (seja em instrumentos de busca, e-mails, redes sociais) ou avaliar a fiabilidade de fontes de informação. Além disso, 40% dos estudantes foram incapazes de identificar os riscos em aceder à links de conteúdos em e-mails, enquanto apenas 24% dos estudantes na média da OCDE possuem habilidades de navegação altamente eficientes.

Tais resultados mostram as dificuldades futuras que estes jovens terão no mercado de trabalho e de prosperar nas economias digitais uma vez que estão menos aptos a ocupar posições de alta complexidade e são facilmente influenciados pela desinformação que cresce na internet e nas redes sociais.



Myers, J. (2021) "How to build a bridge across the digital divide"
Patterson, G. (2021) "Bridging the digital divide to create the jobs of the future"
BBC Brasil. (2021) "Nativos digitais' não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE"
Imagem de StartupStockPhotos por Pixabay.

A transformação digital e a exclusão digital



Mesmo depois de quase dois anos do início da pandemia, a dependência das tecnologias para as atividades cotidianas continua a crescer cada vez mais. Para 2022, prevê-se que o tráfego global da Internet irá ultrapassar todo o tráfego até o ano de 2016. E mesmo com a aceleração da transição global para uma economia digital, a pandemia evidenciou a exclusão digital. Entretanto, se verificou uma oportunidade e intenção das empresas e legisladores para solucionar esta questão, ao desenvolver novas formas criativas de investimento em acessibilidade, inclusão e igualdade, para que os mais vulneráveis possam estar conectados.

O acesso à Internet continua sendo considerado um artigo de luxo, uma vez que aproximadamente metade do mundo ainda está offline, ou seja, 3.2 mil milhões de pessoas. Por outro lado, 85% da população mundial é coberta por pelo menos uma rede móvel.

A Organização das Nações Unidas tem a intenção de fazer com que 75% do mundo esteja online até 2025, com a internet a um custo que não ultrapasse 2% dos vencimentos. Para viabilizar o acesso a serviços digitais estima-se que sejam necessários 1.8 bilião €, o que inclui o treinamento de competências digitais, aumento da confiança na tecnologia e o desenvolvimento de soluções digitais em áreas-chave, como saúde, educação e serviços financeiros.

A colaboração dos setores público e privado é necessária como forma de solucionar as lacunas relativas ao financiamento, regulamentação e políticas garantir o acesso universal à banda larga na próxima década. Assim, um maior acesso além de serviços digitais mais baratos, podemos impedir a ampliação das divisões existentes e garantir que a outra metade do mundo se conecte.

De acordo com dados da Eurostat de 2020, Portugal é o terceiro país da União Europeia que registra mais pessoas que nunca utilizaram a Internet, aproximadamente 20% da população nunca teve contacto com a internet, o que representa o dobro da média Europeia. E entre os idosos, esse número passa os 50%, enquanto a média da EU é de 30%. Os menores números de exclusão digital são registrados nos países nórdicos e Luxemburgo, onde apenas menos de 2% da população nunca usou a internet.

Em uma era de transformação digital, fatores como o acesso e o uso da internet são essenciais para a inclusão e o desenvolvimento económico e pessoal. Assim, um futuro mais inclusivo requer que as lacunas de conhecimento e de acesso às tecnologias digitais, acesso à internet e uso de serviços digitais sejam enfrentadas.



O'Halloran, D. (2021) "How to finance digital inclusion so universal access to the internet drives sustainable growth"
Shivkumar, G., O'Neil, K., Nordhaug, L. (2021) "How to bring digital inclusion to the people who need it most"
<https://maisliberdade.pt/maisfactos/18-dos-portugueses-nunca-usou-a-internet/>

Você sabia...

A digitalização poderá acelerar a transformação para uma economia circular mais eficiente em relação aos recursos e como forma de atingir as metas climáticas de 2050. Com a adoção de estratégias adequadas durante o uso e ao fim do ciclo de utilização de produtos, componentes e materiais, as empresas podem manter os recursos no sistema produtivo e tornar o processo mais eficiente e rentável. Uma economia mais circular viabiliza a continuidade do crescimento econômico que retirou muitas pessoas da pobreza e melhora nos processos produtivos lineares que começam com a extração das matéria-prima usadas na fabricação e terminam com a destinação final dos produtos, que tem esgotado os recursos da Terra.

A Comissão Europeia estima que ao aplicar os princípios da economia circular na economia do Bloco poderá haver uma potencialização de 0.5% até 2030 no Green Deal, o que geraria em torno de 700.000 novas ocupações.

Por exemplo, sem as ferramentas da internet, a digitalização da sociedade teria ocorrido mais lentamente, com menos modelos de negócios atrativos, menor impacto no crescimento econômico e na redução da pobreza. Assim, sem uma base digital, uma economia circular acontecerá mais lentamente, com menos modelos de negócios circulares atraentes e menos impacto nas metas climáticas globais, crescimento econômico e redução da pobreza.

A digitalização também é essencial para a transição para uma economia verde. Nesse sentido, o Reino Unido destinou £ 134 milhões para as empresas para o desenvolvimento de tecnologias mais “limpas” e a criação de empregos verdes. Estas ocupações vêm crescendo em todo o mundo como forma de contribuir para a transição para uma economia de baixo carbono. E com as novas políticas ambientais e novos compromissos climáticos a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que, até 2030, aproximadamente 24 milhões de empregos sejam criados pela economia verde somente.

E segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente setores como agricultura, arquitetura, ciências e ensino precisarão de novas competências verdes.



Essa procura por competências verdes é crucial para o setor de energia. Estima-se que até 2050, 400.000 novos postos de trabalho serão necessários, entretanto, mais da metade destas ocupações não existem atualmente. Além disso, segundo o relatório Davos Labs Youth Recovery Plan de 2021, do Fórum Econômico Mundial, aproximadamente 50% dos jovens acreditam não possuírem as competências certas para desenvolver as atividades esperadas. O que indica Future of Jobs de 2020, também do Fórum Econômico Mundial, é que quatro em cada 10 trabalhadores precisarão ser requalificados.

Jensen, H. (2021) Why digitalization is critical to creating a global circular economy
[Kimbrough, K. \(2021\) “These are the sectors where green jobs are growing in demand”](#)
Global Citizen. (2021) “Future Jobs: 6 Green Careers Set to Grow in the Next Decade”
Imagem de Diogo Ascenso por Pixabay

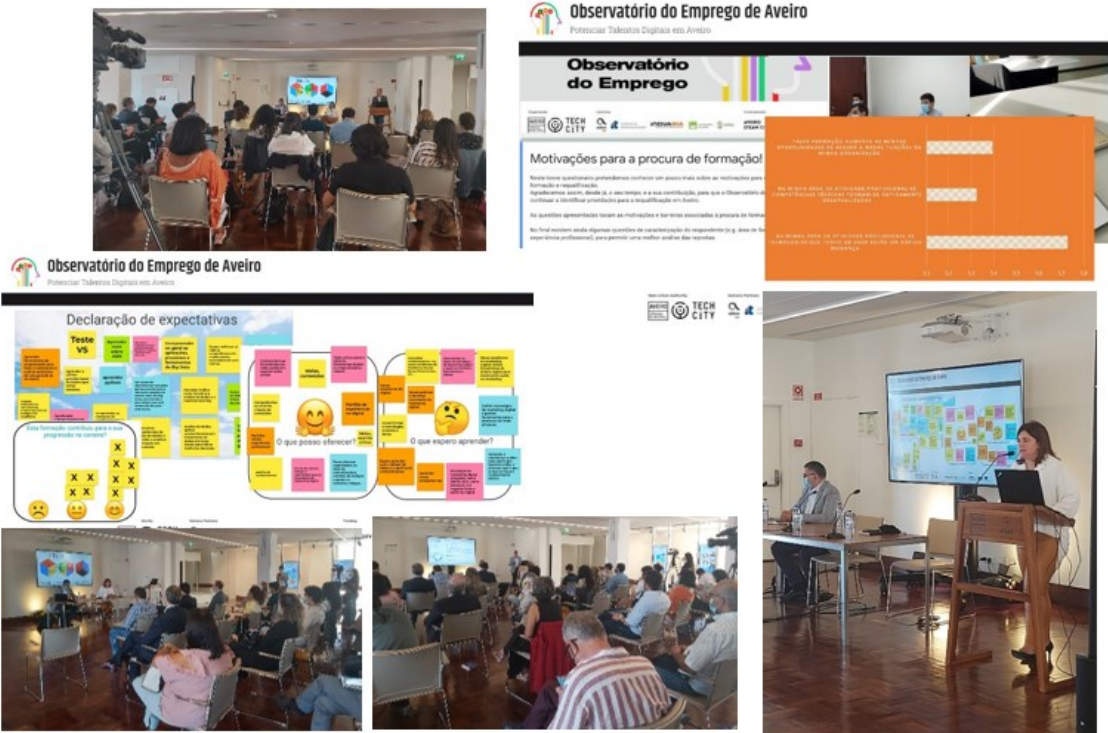
Observatório do Emprego no Techdays

Entre os dias 11 e 17 de outubro de 2021 ocorreu a Aveiro Tech City, uma semana dedicada à tecnologia, arte e cultura, que incluiu o Techdays Aveiro com um programa de tech sessions, onde oradores nacionais e internacionais debateram a importância da tecnologia na gestão das cidades e no aumento da qualidade dos serviços prestados aos cidadãos.

O dia 13 de outubro foi marcado pelo workshop do Observatório do Emprego no Techdays. O Observatório em sua apresentação propôs uma reflexão sobre os principais desafios do emprego no futuro, para continuar a atender à transformação digital, bem como aos investimentos de recuperação e resiliência que se anteveem diante das mudanças contínuas no mercado de trabalho, nacional e regional. Diante do Plano de Recuperação e Resiliência e dos desafios decorrentes do contexto pandêmico recente que colocam novos desafios para a qualificação e captação de talento nos territórios o Observatório do Emprego tem promovido o debate e a partilha a experiência recente dos programas piloto de formação implementados no âmbito do projeto Aveiro STEAM City.

Assim, no workshop foram apresentadas as ações realizadas pelo Observatório, nomeadamente os quatro awareness workshops, além de informações sobre as formações piloto, que estão a decorrer desde o início de setembro de 2021 e encerram em novembro, nomeadamente o perfil dos formandos selecionados quanto ao género e a cidade.

Além disso, ao longo das formações o Observatório procurou coletar as primeiras visões dos formandos sobre as formações sobre as suas expectativas, o que poderiam oferecer e o que poderiam aprender, como forma de observar a evolução dos estudantes ao longo das formações. Os primeiros resultados podem ser verificados nas imagens a seguir.



Para saber mais sobre o Observatório do Emprego de Aveiro <http://observatoriodoemprego.web.ua.pt/>
Para saber mais sobre as Urban Innovative Actions: <https://www.uia-initiative.eu/en/uia-cities/aveiro>
Para saber mais sobre o projeto: <https://www.aveirotechcity.pt/pt/atividades/observatorio-do-emprego>
Gostaria de receber mais informações? Inscreva-se e receba a newsletters do OE: observatoriodoemprego@ua.pt

Contatos
Observatório do Emprego
observatoriodoemprego@ua.pt
@observatoriodoemprego

Câmara Municipal de Aveiro
www.cm-aveiro.pt

Universidade de Aveiro
www.ua.pt

Inovaria
www.inovaria.pt

AVEIRO
CÂMARA MUNICIPAL

TECH CITY

altice
labs

instituto de
telecomunicações

INOVARIA
Associação para a promoção da inovação

universidade
de aveiro

CEDES

AVEIRO
STEAM CITY

UIA

European Regional Development Fund